

A Embrapa e a pesquisa agropecuária com populações tradicionais

Dra. Tatiana Deane de Abreu Sá
Diretora Executiva, Embrapa. tatiana@diretoria.embrapa.br

Boa noite a todos. Eu vou tentar falar um pouco da importância do momento que estamos vivendo em relação a esse tema na Embrapa.

Olhar a magnitude que devemos olhar esse tema em termos da Embrapa é importante nós olharmos o que a Embrapa em termos nacionais, na realidade a Embrapa atuando juntamente com as organizações estaduais de pesquisa e o que seria o sistema nacional de pesquisa agropecuária, que seria constituído pela Embrapa, por essas organizações estaduais e mais um conjunto de universidades e instituições de pesquisa, como os institutos de pesquisa da MCT é que atuam no território nacional.

Então, a diversidade regional, a diversidade de temas ela remete olhares diferentes da Embrapa em relação à etnociência. O exercício extremamente oportuno seríamos nós olharmos na realidade detidamente esses aspectos regionais e principalmente aspectos temáticos.

Nosso plano diretor, nós estamos na realidade nesse momento em um processo de construção do 5º plano diretor da empresa e o 4º plano das unidades, mas o que está de vigência até esse ano nos leva com eixos estratégicos dos quais a etnociência tem a relação com a sua maioria, a possibilidade de nós vermos a capacidade produtiva de pequenos empreendimentos segurança alimentar e a questão de nutrição e saúde, inclusive um dos itens que tem sido mais demandado principalmente em casos de colaboração com populações indígenas uso sustentável dos biomas, um campo extremamente rico de troca de saberes ainda pouco explorado e também no ponto do avanço da fronteira do conhecimento.

Rapidamente, alguns pontos importantes na questão da etnociência na Embrapa. Como comentei, a Embrapa foi criada em 1973 num momento crítico em que o país enfrentava problemas de abastecimento produtividade ela foi bastante eficiente inclusive oferecendo a possibilidade da redução do custo e aumento da oferta da cesta básica pra população. Mas naquele tempo a questão da sustentabilidade principalmente social não foi muito levantada. A questão que nos trás o tema etnociência foi introduzida principalmente partir do Rio 92 e a partir daí uma série de acontecimentos vem trazendo a tona mais esse tema na empresa.

Logo em seguida ao Eco 92, em 1995 nós tivemos os grupos dos Craôu nos procurando no resgate de sementes de milho, um episódio bastante conhecido. A partir daí o convênio Embrapa FUNAI com o contrato de acesso de recursos genéticos ao conhecimento tradicional associado, convênio MDS/MDA, FUNAI e a Embrapa em 2004 começou uma série de participação de oficinas regionais de etnodesenvolvimento, participação da construção da operanização da carteira indígena, encontros técnicos da Embrapa com povos indígenas a integração da Embrapa com a Embrapi, o instituto que trata de propriedade intelectual indígena. Nós fomos convidados à preparatória da COP 8, com eles e culminando no final do ano passado de 2006 com o encontro etnociência na pesquisa agropecuária diálogo de saberes.

Esse evento que aconteceu em dezembro reuniu dezenas de pessoas de uma forma bastante intensa. Começou em uma segunda feira à noite, coisa rara. Conseguimos juntar no auditório da Embrapa quase cheio em plena segunda feira à noite. Tinha vinte e três de trinta e sete unidades da Embrapa presentes, cinco universidades Museu Goeldi, representante de sete comunidades tradicionais, representantes de povos indígenas, de ministérios e ONGs.

O que foi levantado, nesse evento?

Buscou promover e estimular a capacitação, legislação pertinente ao tema, criar uma rede interna de empregados interessados no tema, melhorarem a relação e a discursão dos macros programas que são figuras programáticas da Embrapa, principalmente macro programa seis, que trata de agricultura familiar. Promover a discursão interna de termos relacionados ao tema, viabilizar consultorias externas relacionadas, promoverem a discursão ampla sobre inovação em modelos apropriados de transferência de tecnologia, tentar relações com parceiros estratégicos no Âmbito Governo Federal e criar um grupo de trabalho na Embrapa.

Na realidade, ao longo desses anos vários desses pontos que foram levantados tem sido efetivado, por exemplo, foi firmado em abril, no aniversário da Embrapa o termo de comparação com o FUNAI.

Foi criado também em maio desse ano um grupo etno que é um grupo que na realidade que congrega pessoas nesse momento principalmente das unidades que estão em Brasília, mas com objetivos de justamente garantir espaço que nós estamos ocupando nesse momento, mas de uma forma mais estruturante na empresa. Estamos com poucos dias para terminar este grupo e a expectativa é de que ao final deste período nós tenhamos um momento diferente em termos dessa temática da empresa.

Está em elaboração também o código de ética para tratar desse tema com objetivos de orientar a atuação da Embrapa na interação com comunidades indígenas, comunidades locais e fazer a avaliação de atividades ou projetos de pesquisa envolvendo a utilização de conhecimentos, inovação e práticas. Ele trata de princípios éticos e regras, como não discriminação e formação completa com sentimento previamente formado, respeito, efetiva participação e decisão, repartição de benefícios, reconhecimento da contribuição, sustentabilidade e precaução. Acho que é nesse momento, nessa finalização desse documento alguns dos membros desses grupos estão aqui, acho que vai ser muito rica a troca, a discursão. Palestras que estão sendo programado vão ser muito importantes nesse momento de finalização do documento.

Temos como eu comentei o sistema da Embrapa em termos de projetos. Nós temos alguns projetos dentro dessa malha de projetos, a Embrapa abre edital interno, em geral duas vezes ao ano e temos macro programas de 1 a 6 e principalmente nós vamos ver grande parte da nossa programação de etnociência. Nesse momento está no macro de agricultura familiar que é o seis e o quatro que é o de transferência tecnologia e comunicação embora nós tenhamos também exemplo no macro programa de mediana abrangência, não de abrangência nacional.

Por exemplo, esse macro seis, que é de agricultura familiar, nós estamos com três projetos, um na Amazônia Oriental ligado a uma reserva extrativista Verde para sempre e dois nos Tabuleiros costeiros sobre as catadeiras de mangaba. Macro programa quatro estamos com doze projetos com povos indígenas na Amazônia Ocidental, mandioca e fruticultura com comunidades indígenas, pantanal pescadores artesanais, Amapá com quilombolas, Rondônia com ribeirinhas, Roraima comunidades indígenas, Amazônia oriental com ribeirinhas, quilombolas e comunidades indígenas e nesse macro programa dois que são projetos mais amplos em rede, temos Embrapa recursos genética de biotecnologia, o projeto ligado aos Craôs e a Embrapa solos e colaboradores com comunidades indígenas estão ligado a formação de terra preta do índio.

Temos dentro desses projetos em andamento, nos temos uma distribuição que está expressa em termos percentuais nesse gráfico onde a maior concentração está entre ribeirinhos e povos indígenas seguido de caboclos e na realidade eu tenho vários tipos

de populações tradicionais que nós não temos ainda nenhum tipo de atividade mesmo nas regiões onde eles são mais freqüentes.

Temos alguns tipos de projetos mais recentes, bem interessantes com o caso do projeto do Brasil Itália que está inclusive Co-patrocinando esse evento, onde temos um projeto no Araripe, projeto Cazumbá Iracema que é com Ibama aqui, projeto Kraô no Xingu, projeto Montes Claros e um projeto transversal que envolve todas as parcerias dos outros projetos.

Nesse momento nós temos envolvimento com esses povos indígenas, há nesse momento pelo menos mais dois outros casos de demandas de projetos.

Por exemplo, em Roraima tem uma experiência bastante rica, há poucos meses, em maio tivemos inclusive um encontro durante um dia e vários eventos tem sido feitos continuamente com povos indígenas naquele estado, com a participação efetiva da Embrapa.

Em Quilombolas, por exemplo, no estado do Pará não muito distante de Belém, temos algumas experiências bastante interessantes no caso de quilombos.

Tivemos experiências com as quebradeiras de coco babaçu, principalmente município de Itapecuru Mirim, nesse momento estamos sem relação, mas semana passada nós fomos procurados por pessoas do governo do estado do Maranhão pedindo que a Embrapa tome uma relação com esse seguimento.

Vou seguir um pouco pelas regiões, tipos de trabalho que estamos fazendo, tipos de grupos. Região Centro Oeste, grupos indígenas, pantaneiros, quilombolas, pescadores e varzeiros com conservação de recursos genéticos, levantamento florístico, viveiros de fruteiras de espécies nativas, diagnósticos participativos, sistema de produção, introdução de fruteiras diversificadas, sistemas agroflorestais, tecnologia de produção sustentáveis, aplicação de fossa séptica, caracterização ambiental e energia renovável.

No nordeste, principalmente indígenas, quilombos e sertanejos tratando de questões de âmbito ambiental, manejo integrado de caprinos e ovinos, sistema de produção diversos, produção sustentável de caprinos e ovinos, produção sisal, leite de caprinos, unidades demonstrativas, fruticultura, melhoramento participativo de mandioca, produção de aipim orgânico, planejamento do uso agrícola e processos com frutas.

No sudeste, gestão ambiental, indicadores de sustentabilidade, manejo de solos, tecnologias essenciais para Saneamento básico, processamento de alimentos, recuperação de áreas degradadas, recursos hídricos, sustentabilidade ambiental, potencial tecnológico de oleaginosas, sistemas produtivos familiares e ribeirinhos.

Região Sul, campeiros, quilombolas, indígenas, sistemas agroflorestais, ecologização da pecuária familiar e quintais de frutas orgânicas.

Na região Norte, ribeirinhos, extrativistas, seringueiros, indígenas, quilombolas e caboclos, avaliação de plantas em uso inseticida, Valorização de uso sustentável das espécies Vegetais principalmente cupuaçu, manejo de produtos florestais não madeireiros, sistemas agrícolas sem uso de fogo, cultivo, manipulação e conservação de plantas medicinais, cultivo de tambaqui matrinhã, viveiros comunitários de fruteiras e florestas tropicais, manejo sustentável de solos, quintais agroflorestais, melhoramento participativo da mandioca, consórcios de banana melancia e maracujá somente em Roraima.

Nós atuamos na Amazônia principalmente em três grandes eixos, ordenamento, monitoramento gestão e territórios, manejo e valorização e Valorização de recursos naturais, em termos de florestas e recursos hídricos, produção agropecuária e florestal sustentável em áreas alteradas e destinação agrícola. Em todos esses três blocos é

fundamental a percepção as possibilidades que nós temos avançando no olhar de etnociência. Nós temos utilizado pouco, como comentei, pode ser visto pela relação de itens, nós estamos trabalhando principalmente naquela questão de suprir alimentos para a população. Estamos trabalhando na troca de saberes, numa troca de conhecimentos. Eu acho que esse é o tipo de trabalho que nós devemos incentivar nesse momento.

Por exemplo, que tipo de trabalho nós podemos avançar como troca de saberes nos próximos programas e projetos a partir de eventos como esse?

Na questão de manejo da biodiversidade e desenvolvimento sustentável, cultivos associados, sistemas agroflorestais, manejo de agrossistemas, manejo florestal, manejo de bacias hidrográficas. Construções de uso atual um breve potencial de espécies de plantas e animais, assim como de solos e de minerais conhecidos por grupos culturais. Conhecimento de preparação de processos armazenamento de espécies úteis, conhecimento de fórmulas que envolvem mais de um ingrediente, conhecimento seletivo de espécies e métodos de plantio, cuidados e critérios de seleção, conhecimentos sobre a conservação de ecossistemas.

Se nós olharmos os componentes de um estabelecimento agrícola de uma área agrícola, se nós atentarmos podemos ter esse olhar para todos os compartimentos na questão das áreas de proteção permanente, conhecimento tradicional pode ajudar nas áreas de reserva legal, nas áreas destinadas a cultivo, a criação. Enfim, nós podemos ter esse exercício em todo estabelecimento agrícola.

As possibilidades da atuação nas figuras de unidades de conservação, as figuras criadas nas comunidades de reforma agrária são outro palco extremamente importante e que nós devemos sentar com as comunidades envolvidas e construir uma forma muito mais participativa. O que fazer? O que propor juntando saberes?

A linha de tempo da pesquisa agropecuária na Amazônia e nós podemos ver que ao longo do plano de fundo dos acontecimentos nós partimos numa pesquisa a primeira instituição de pesquisa agropecuária foi fundada na região foi o Instituto Agrônomo do Norte, em 1939. Ele começou incorporando um pouco do conhecimento local. Ao longo do tempo com a criação do plano de valorização na Amazônia, rodovia Belém Brasília, Rodovia Transa Amazônica, um conjunto de estradas vai aparecendo, pipocando uma atrás da outra demandando uma ocupação imediata com atividade agrícola. Esse olhar sobre a biodiversidade da própria região foi durante um bom tempo sendo Postergado e a Embrapa foi criada justamente ali em 1973 no momento em que era mais importante nos oferecermos opções de uso imediato para a Transa Amazônica, para Belém Brasília, no momento em que a produção e a ocupação era mais importante. Ao longo do tempo, como comentei anteriormente, alguns episódios nacionais e internacionais foram mudando esse olhar, esse paradigma e hoje nós estamos em um momento em que é nossa função fortemente trabalhar esse lado as características culturais sociais de modo que nós possamos lhe dar muito melhor com uma região cujo diferencial é justamente seu capital natural.

Nós temos o conjunto de instituições de pesquisa da região, a Embrapa tem 600 na Amazônia e nos estados do Mato Grosso, Maranhão e Tocantins é que complementa a Amazônia legal nós não centro de pesquisa, mas tem unidades ligadas a outros centros. O MCT tem três centros de pesquisa e existe um conjunto de universidades e uma série de ONGs extremamente importante do ponto de vista de ciência e nós temos uma rede de inovações institucional, que ela tem a característica de ter uma distribuição espacial discreta em geral um foco temático bem definido.

Mas na região nós temos uma ampla rede de inovação do conhecimento tradicional que ao contrario daquela, ela tem distribuição bastante espacial ampla, um

conhecimento multidisciplinar e diverso incorporando inclusive muitas vezes ancestrais. A rede é a composta pelos povos indígenas e das populações tradicionais.

Justamente nós estamos precisando exercitar mais essa junção dessas duas redes na busca de soluções, na busca de compreensão de processos no avanço na questão dessa fronteira do capital natural.

E aí nós chegamos justamente nesse momento em que esse momento em que nós vivemos é tido como um momento de uma onda do capital natural e a Amazônia principalmente, o Brasil fortemente, mas a Amazônia muito mais fortemente ela tem atributos que a colocam com um diferencial extremamente positivo nesse momento. E no ponto de vista da agricultura, ela seria um aspecto extremamente rico em trabalhar.

Temos vários assuntos com estão em perspectiva também exigem que nós tenhamos um olhar bastante profundo com a questão dos povos indígenas e comunidades locais. Por exemplo, na discursão de lógicas pra conservação da floresta. A questão do desmatamento evitado, os direitos dos povos em relação a essa realidade bem como a questão de incentivos em termos de manutenção da vegetação e que nós temos uma empresa como a Embrapa cada vez mais tem que saber lidar com esse tipo de questão com a ampla gama de usuários de grupos com que ela tem relação em todo território nacional.

Por exemplo, se nós olharmos nesse momento o plano de ação para prevenção controle o desmatamento da Amazônia e os principais blocos de atuação nós vamos ver que principalmente na intensificação do uso em escala de instrumentos econômicos para a valorização da floresta em pé é um segmento em que a relação com as comunidades é fundamental e nós não podemos atuar nesse sentido como instituição sem buscar nos aprofundarmos nessa perspectiva.

Como comentei ao longo do tempo nós avançamos primeiramente na consideração da capacidade adaptativa dos sistemas ecológicos ligados a agricultura. Um olhar de uma resiliência do sistema ecológico com a competição de processos biofísicos e biogeoquímicos da heterogeneidade da paisagem para a aplicação da agricultura, e nós estamos em um momento de intensificar uma consideração da capacidade adaptativa dos sistemas sociais com a resiliência dos sistemas a percepções das instituições as redes que aprendem, acumulam conhecimento e experiência.

Passamos de uma comumente, uma visão ética, buscando o significado apropriado da comunicação com a comunidade científica para a introdução de uma visão ética também, onde a importância do significado apropriado pelos membros da cultura em estudo.

Temos cada vez mais que participar da discursão sobre a repartição dos benefícios oriundo da biodiversidade, aprendendo a discutir na diversidade dos pares e esse é um processo que creio que esse evento vai ser bastante rico na discursão.

Como comentei estamos em um momento de planejamento estratégico, estamos em uma fase de elaboração, elaboração de cenários do ambiente de atuação das instituições, plano diretor da empresa que é o nosso quinto plano diretor de todas as unidades da Embrapa. Vai ser uma oportunidade muito boa para melhor integrar etnociência nesse contexto.

Também como comentei, nós estamos em um momento de mudança bastante forte da nossa relação de cooperação internacional, tanto no hemisfério norte, onde nós estamos nos restringindo principalmente numa relação, vi os nossos laboratórios remotos no exterior, como é cada vez mais fortemente a nossa atuação no eixo sul - sul com a África, com os países vizinhos e é fundamental que nós avancemos nesse sentido tendo um olhar sobre a etnociência.

Obrigada,

